



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Aprendizagem no Contexto Familiar:  
Uma Análise da Relação Intergeracional na  
Clínica Comportamental**

Victor Guevara Loyola de Souza

Brasília  
Outubro de 2017



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Aprendizagem no Contexto Familiar:  
Uma Análise da Relação Intergeracional na  
Clínica Comportamental**

Victor Guevara Loyola de Souza

Monografia apresentada ao Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, como requisito parcial da conclusão do Curso de Formação Avançada em Análise Comportamental Clínica.  
Orientadora: Prof. Ms. Ana Karina C. R. de-Farias

Brasília  
Outubro de 2017



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

### **Folha de Avaliação**

**Autor:** Victor Guevara Loyola de Souza

**Título:** Aprendizagem no Contexto Familiar: Uma Análise da Relação Intergeracional na Clínica Comportamental

**Data da Avaliação:** 20 de outubro de 2017

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Ana Karina C. R. de-Farias

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Rita Coutinho Xavier Naves

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> Ms. Lorena Bezerra Nery

Brasília  
Outubro de 2017

Aos meus avós e meus pais, que me  
incluem nas contingências do amor todos os  
dias da minha vida.

## Agradecimentos

Agradeço aos professores do IBAC que contribuíram para a minha formação como psicólogo clínico e analista do comportamento. Em especial, aos professores Marçal, Gustavo Tozzi, Flávia Fonseca, Denise Lettieri e Luciana Verneque.

À minha orientadora, professora Ana Karina de-Farias, por ser um modelo de profissional tão competente e carinhosa. Ser seu aluno e colega de profissão tem sido um grande prazer.

Aos professores Lorena Nery e Frederico Veloso, que foram supervisores tão especiais e enriquecedores durante os meus primeiros atendimentos. Muito obrigado pelos desafios, orientações e discussões que levarei para sempre em meu trabalho.

Aos membros da banca, por terem aceitado prontamente ao convite de avaliação deste trabalho.

Aos colegas da especialização, Rodrigo, Pedro, Jéssica e Tâmara, e aos colegas de supervisão, pelas trocas de experiências, discussões clínicas e momentos de descontração. Obrigado pela parceria profissional e amizade.

Às minhas bisavós, Alice e Maria de Lourdes, em memória, pelo imenso valor de suas histórias e companhias.

Aos meus avós maternos, Maria Alice e Josué, e meus avós paternos, Rosa e Amilton, pelo cuidado e carinho proporcionados para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha mãe, Cristina Loyola, pela vida e modelo profissional. Ser seu colega de trabalho tem sido fantástico! Obrigado pelos desafios, supervisões e coorientação.

Ao meu pai, Giovanni Guevara, pela vida e exemplo de pai. Agradeço por valorizar o meu trabalho e a parceria em todas as minhas atividades.

Aos meus irmãos, Igor e Isabel, pela parceria, cuidado e respeito.

## Sumário

Folha de Avaliação -----	i
Dedicatória -----	ii
Agradecimentos -----	iii
Lista de Figuras -----	v
Resumo -----	vi
Introdução -----	1
Capítulo 1. A Evolução do Conceito de Família -----	3
1.1 A Família Contemporânea e a Intergeracionalidade -----	5
1.2 Variáveis que Influenciam na Relação Saudável entre Avós e Netos -	10
1.3 As Relações Familiares e a Intergeracionalidade como Agências de	
Controle: Possíveis Implicações Clínicas -----	13
Capítulo 2. A Relação Intergeracional no Filme “Uma Família em Apuros”	17
2.1 Elementos Funcionalmente Relevantes, e Como os Avós Podem	
Influenciar -----	21
2.2 Benefícios da Relação Intergeracional -----	24
Capítulo 3. A Análise do Comportamento no Contexto das Abordagens	
Psicológicas -----	27
3.1 Análise Comportamental da Relação Intergeracional do Filme -----	28
3.2 Possíveis Estratégias, Técnicas e Instrumentos de Intervenção	
Clínica -----	35
Capítulo 4. Considerações Finais -----	41
Referências -----	43

## **Lista de Figuras**

Figura 1. Genograma familiar representado no filme “Uma Família em Apuros” 18

## Resumo

A família é uma instituição em constante transformação, sendo referência para as primeiras aprendizagens de cada organismo. Com a tendência mundial ao aumento da expectativa de vida e a queda na natalidade, o envelhecimento populacional tem se mostrado um grande desafio, sobretudo para as nações em desenvolvimento. Diante disso, as famílias estão com membros cada vez mais velhos se relacionando com outros parentes de diferentes gerações. Este trabalho teve como objetivo apresentar as contribuições da Análise Comportamental Clínica para esse novo cenário familiar, o qual pode ser fonte de sofrimento em relações intergeracionais conflituosas. Como recurso de análise, foi utilizado o filme “Uma Família em Apuros” (Parental Guidance, 2012), o qual retrata os desafios na relação entre avós maternos com os netos durante a viagem dos seus pais. A maneira com que os pais educam seus filhos se diverge significativamente do cuidado dado pelos avós, o que pode acabar estimulando comportamentos tidos como indesejáveis nas relações familiares e, conseqüentemente, conflitos de autoridade e problemas no seguimento de regras. Além disso, os estereótipos sobre as diferentes gerações e a relação distante entre avós e seus filhos se mostraram variáveis significativas para o desentendimento e desrespeito no vínculo com os netos. O processo de terapia comportamental familiar e as intervenções por meio das sessões de orientação, psicoeducação e programas intergeracionais se apresentam como relevantes ferramentas de desenvolvimento da intergeracionalidade saudável, valorizando seus benefícios tanto para os mais jovens quanto para os mais idosos.

Palavras-chave: intergeracionalidade; aprendizagem; envelhecimento; terapia comportamental familiar; orientação aos pais.



O contexto familiar pode ser considerado como fundamental para a compreensão dos processos de desenvolvimento dos indivíduos. Sua complexidade e constante modificação são desafios significativos do seu estudo, o qual tende a levar em consideração diversas variáveis. A família representa um ambiente de aprendizagem e aquisição, no qual os padrões comportamentais de cada indivíduo serão iniciados e ao longo do tempo aprimorados (Biasoli-Alves, 1995; Del Prette & Del Prette, 1999/2005; Sigolo, 2004).

Com o aumento da expectativa de vida e a queda da natalidade identificada nas últimas décadas, um novo processo passa a se destacar nas famílias contemporâneas: a longevidade. Neste sentido, a convivência mais prolongada entre diferentes gerações se apresenta como uma particularidade desse envelhecimento populacional, o que implica tanto em benefícios quanto em dificuldades, para os idosos e demais familiares. As crianças e os adolescentes tendem a viver cada vez mais tempo com seus avós, estabelecendo diferentes tipos de aprendizagem nas relações intergeracionais.

Para se compreender como as relações entre membros de uma família se estabeleceram, torna-se necessário o entendimento de processos de aprendizagem dos organismos. Todo comportamento é uma ação emitida por um organismo, pública ou privada, levando em consideração seu ambiente de emissão, que tem origem em três níveis de seleção: filogenético (história de vida da espécie), ontogenético (história do indivíduo) e cultural (práticas aprendidas). Nesse sentido, a aquisição de padrões de comportamento é favorecida pelas experiências de

aprendizagem (Catania, 1998/1999; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1981/2007).

A relação intergeracional pode ser vista como uma dimensão interacional e sistêmica, na qual o processo de aprendizagem se dá de maneira bidirecional (Valsiner, 1994). A troca entre os mais jovens e os mais velhos traz a oportunidade de repensar as concepções estereotipadas sobre juventude e velhice, o que pode ser um desafio para os psicólogos clínicos. A maior participação dos avós no cotidiano dos netos pode trazer conflitos e desentendimentos no meio familiar, o que caracteriza a importância de se questionar esta temática dentro de metas terapêuticas.

O presente trabalho buscou levantar as contribuições da Análise Comportamental Clínica diante de relações intergeracionais em conflito, tendo em vista a maior presença e participação de gerações distantes na convivência da sociedade contemporânea. As relações entre avós e netos foi exemplificada a partir da análise do filme “Uma Família em Apuros” (*Parental Guidance*, 2012). Pretendeu-se contribuir para o levantamento de estratégias e intervenções clínicas, além de despertar o olhar clínico para este tipo de relação cada vez mais presente e estudado nas famílias por diferentes áreas do conhecimento.

## Capítulo 1. A Evolução do Conceito de Família

Sabe-se da importância da família como ambiente de interação social, aprendizagem e formação de valores. A ideia de que o ambiente familiar é um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, dando-se relevância aos estudos das interações nesse meio, é um dado destacado por vários autores (e.g., Dessen & Polonia, 2007; Kreppner, 2000; Weber, 2008). Nos últimos anos, pôde-se observar uma enfática discussão proporcionada em diferentes áreas do conhecimento sobre as mudanças significativas presenciadas na estrutura familiar contemporânea e na relação entre seus membros.

Historicamente, a família teve sua origem durante os acontecimentos das guerras e da utilização da mão de obra escrava, como afirma Setton (2004). Tal situação trouxe a busca por lideranças e/ou chefes nas, então recentes, organizações militares, o que ocasionou a ruptura dos grupos matrilineares, com a mulher passando a ser submissa no seu papel social. Essa alteração da família matrilinear para a patrilinear é caracterizada pela valorização do filho homem, como símbolo de autoridade e força física (Setton, 2004). Na Roma Antiga, por exemplo, a família era entendida como a união dos elementos pessoais (os filhos, a mulher) e patrimoniais (escravos e servidores) sujeitos à autoridade de um chefe de família exercido pelo pai casado, o qual tinha o direito de aceitar ou recusar sua prole (Leandro, 2006).

Pode-se afirmar, então, que a família não representa uma instituição natural, mas sim uma instituição determinada pelo contexto social de cada sociedade, levando em conta as normas culturais (Lévi-Strauss, 1982). A família está relacionada diretamente às mudanças vivenciadas pela sociedade, as quais têm como objetivo

adaptar os membros da melhor maneira possível para a sobrevivência, tendo em vista sua complexidade como sistema de organização (Minuchin, 1985).

A família, até o século XVII, não existia como um valor, ou seja, a intimidade era quase que inexistente, uma vez que a densidade social supria sua posição. Na Europa deste período, apenas nobres, burgueses, artesãos e lavradores ricos compunham a vida familiar, que começou a se estender para toda a sociedade com a criação e relevância de instituições como a escola e, principalmente, a Igreja (Ariès, 1973/1981).

No período colonial brasileiro, as normas defendidas pela Igreja Católica eram valorizadas por suas influências europeias, dando origem a um modelo de família constituída de pai e mãe casados e responsáveis pela educação dos filhos guiada significativamente por esta instituição. O pai era responsável pela garantia de união entre parentes e sua autoridade era direcionada aos demais membros: mulher, filhos e escravos, os quais lhe deviam obediência, tendo, assim, a família patriarcal como característica marcante da vida social do Brasil Colônia (Del Priore, 1999).

As relações de parentesco passaram a ser definidas somente no século XX, dando sentido ao conceito de família propriamente dito, ou seja, quando há uma diferenciação da estrutura familiar diante do grupo social geral (Ariès, 1973/1981). Nessa época, a composição familiar predominante tem a presença de duas categorias principais de membros: pais e filhos, porém com o passar do tempo isso passa a se ampliar. Esse século é marcado pela entrada cada vez mais importante da mulher no mercado de trabalho com maior participação nas decisões de procriação e, conseqüentemente, a diminuição do *status* de pai como único e/ou principal provedor da família (Naves, 2008).

A partir da Revolução Industrial, a predominância do sistema capitalista traz à tona transformações na sociedade que impactaram as estruturas familiares na época e o seu desenvolvimento. Oliveira (2009) apresenta exemplos de mudanças iniciadas a partir desses eventos marcantes e que perduram atualmente na sociedade contemporânea, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, as alterações nas relações de trabalho, um crescente número de trabalhadores informais e uma parte importante da população desempregada. A autora afirma que a família neste cenário pode ser considerada ao mesmo tempo produtora e consumidora de bens materiais e culturais, caracterizando este cenário uma das suas principais funções.

Ao se comparar as primeiras décadas do século XX com seu final e a entrada no século XXI, observa-se uma mudança radical nos valores e relações familiares, inicialmente marcada pela diminuição do número de filhos e maior importância dada ao bem-estar individual, apoiado pela nova sociedade de consumo (Caldana, 1998). As funções de autoridade, obediência e imposição de limites com demonstração de afeto por parte dos pais priorizavam a relação adulto-criança com a presença dos avós na maioria das vezes como membros relevantes para os netos. Ribeiro e Ribeiro (s.d.) afirmam que a educação dos filhos, no entanto, passou a ser uma dificuldade diante da apresentação da vida como uma promessa de plenitude e acesso a bens de consumo. No século XXI, o educar como dimensão socializadora tem a ver com impor limites à realização de desejos ou à obtenção de bens.

### **1.1. A Família Contemporânea e a Intergeracionalidade**

Uma definição de família mais atual, proposta por Petzold (1996), destaca a ideia de família como um grupo social especial, o qual pode ser entendido pela relação intergeracional e a pela intimidade. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), em 2005, caracterizou família como um conjunto de indivíduos que vivem numa mesma unidade domiciliar ou uma pessoa que mora só. Essas pessoas podem estar ligadas por laços de parentesco, apresentar dependência doméstica ou, simplesmente, normas de convivência. Tal definição abrange o contexto familiar, delimitando-o a uma unidade domiciliar, independentemente de sua estrutura ou posição dos membros.

Os impactos dos acontecimentos durante o século XX são estratégicos para o entendimento das atuais constituições familiares no mundo ocidental. Da década de 1960 em diante, o “amor” passa a ser tido como pré-requisito para a permanência dos relacionamentos conjugais, com os papéis de gênero sendo cada vez mais tendenciosos a uma igualdade, e a valorização de outros métodos educacionais é destaque nas relações com as crianças, as quais saem de uma educação moral e corretora para uma “pedagogia da negociação”, mais permissiva e influenciada pelo individualismo (Machado, 2001). Singly (2000) e Turkenicz (2006) citam importantes fatores da formação das famílias contemporâneas iniciados nas últimas décadas do século passado: decréscimo dos casamentos e crescimento da concubinação (morar junto); queda da natalidade e, conseqüentemente, famílias menos numerosas; aumento dos divórcios; aumento das famílias monoparentais e recompostas; maior acesso das mulheres nas Universidades e em atividades assalariadas; e a aceitação de relações sexuais antes e fora do matrimônio.

Com os critérios citados e tendo em vista os avanços tecnológicos das últimas décadas, outro efeito é facilmente observado na atual estrutura familiar: o aumento da expectativa de vida. O crescente e acelerado envelhecimento da população mundial é evidente, trazendo à tona novas demandas para sociedade, uma vez que as particularidades de um significativo índice de pessoas idosas influenciam a

organização e gestão de diferentes instituições. De acordo com o relatório da *United Nation Population Division* (Organização das Nações Unidas, ONU, 2015), entre os anos de 2015 e 2030, a população mundial idosa (com mais de 60 anos de idade) deve passar de 901 milhões para 1,4 bilhões, crescendo aproximadamente 56% e, para 2050, deve dobrar em comparação a 2015, chegando a 2,1 bilhões de idosos.

Apenas no Brasil, a expectativa de vida para os indivíduos nascidos em 2015 foi de 75,5 anos, sendo de 71,9 anos para homens e 79,1 anos para as mulheres, já apontando um avanço em comparação aos nascidos no início do século XXI, quando a expectativa foi de 68,9 anos de idade (IBGE, 2016). De acordo com o Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2015), a proporção da população idosa no Brasil está crescendo e já atingiu 12,5% em 2015, com previsão de que esta proporção aumente para 30% até o ano de 2050. Com isso, o país em pouco tempo já será caracterizado como uma nação envelhecida, ou seja, mais de 14% de sua população será constituída por indivíduos com mais de 60 anos de idade.

O aumento da longevidade é sem dúvida algo que deve ser visto como valioso e de extrema relevância. A idade avançada passa a ser uma oportunidade para as novas gerações de modificar a sequência rígida das fases da vida: infância, período de estudos, período de trabalho e, por último, a aposentadoria, sendo essa última socialmente vista como um “tempo extra” que precede a morte. Muito se discute atualmente a modificação do valor cultural da aposentadoria, como uma extensão do período de trabalho e/ou possibilidade de dar continuidade aos estudos, com o intuito de empoderar a velhice. Entretanto, viver por mais tempo também se mostra como um forte desafio, sobretudo para os países em desenvolvimento, onde o saneamento

básico, saúde e demais serviços sociais e de infraestrutura ainda são problemas atuais e se agravam com a presença de uma população mais idosa.

Tendo em vista os possíveis conflitos previstos pelo processo de envelhecimento populacional, a solidariedade intergeracional passou a ser defendida por meio do plano elaborado na II Assembleia de Envelhecimento Mundial em Madri (ONU, 2002), na busca por uma sociedade mais preparada e desenvolvida para as diferentes gerações. A qualidade na relação intergeracional pode representar uma melhoria no bem-estar de idosos e jovens, desmistificando e diminuindo preconceitos direcionados ao envelhecimento. A transmissão psíquica e cultural geracional é de extrema relevância nas relações intergeracionais, sobretudo entre netos e avós, contribuindo para a formação de identidade de cada um.

O termo “intergeracionalidade” não aparece com definição direta no dicionário da Língua Portuguesa, apesar de ser utilizado em diferentes estudos (Beltrán & Rivas Gómez, 2013; Ferreira *et al.*, 2015; Dellmann-Jenkins, 1997). O prefixo *inter* é “designativo de entre, em meio, dentro”, e *geracional* leva ao sentido de algo “relativo a uma geração” (Dicionário Aurélio Online, 2016). A ideia principal da palavra remete aos falantes da língua a ideia de relação entre diferentes ou várias gerações. Contudo, apesar de apresentar a noção marcante vinculada às relações entre jovens e idosos, há outras formações de relações intergeracionais, como destacam os exemplos de Jacob (2007): várias gerações de trabalhadores de uma determinada empresa; diferentes gerações no mesmo núcleo familiar (nascidos na década de 50, 60, 80 e 90, por exemplo); e a presença de três gerações numa família, como, por exemplo, mãe, filha e neta.

A transmissão geracional se dá em três diferentes modalidades, sendo todas relevantes para o desenvolvimento das relações e solidariedade intergeracional, como



aponta Dumazedier (2002): (a) transmissão dos saberes das gerações mais velhas para as mais novas; (b) transmissão das gerações mais novas para as mais velhas; e a (c) a coexistência, ora pacífica ora conflituosa, entre saberes atuais e antigos, com o sentido de diálogo e negociação entre saberes e competências de diferentes gerações. A sociedade contemporânea, haja vista a competição intergeracional, coloca o desafio para dentro e fora dos ambientes familiares de equalização e cuidado com as diferentes gerações. A rápida transformação social, tecnológica e cultural coloca em destaque a juventude, a qual passa a ser desejada por pessoas de todas as idades e gerações, se tornou uma mercadoria vendida a todos (Vianna, 2003). Denominados como “sujeitos contemporâneos por natureza”, os jovens se apresentam mais abertos às mudanças que assustam e deixam os mais velhos estereotipados como frágeis e menos capazes (Coutinho, 2002).

Nas estruturas familiares contemporâneas, a longevidade torna possível que avós e/ou bisavós possam conviver por mais tempo com seus netos e bisnetos em comparação com as gerações passadas. A presença dos avós na criação dos netos é significativa no contexto brasileiro e essa participação dos idosos pode ser dividida em duas perspectivas no núcleo familiar: (a) subjetivas – relações e expressões de sentimentos, como afeto, carinho e ódio; e (b) materiais – garantia de bens mínimos de sobrevivência (Peixoto, 2000). Na atualidade, grande parte das crianças e adolescentes tem a oportunidade ímpar de viver por mais tempo com seus avós, sendo que estes avós estão mais saudáveis, ativos, atualizados, têm maior expectativa de vida e, em geral, apresentam uma situação financeira mais confortável, auxiliando na aquisição de bens para filhos e netos, beneficiando de forma individualizada, uma vez que a quantidade de netos tem sido menor (Attias-Donfut & Segalen, 1998). Uma proporção significativa dos idosos sustenta a família, como apontou o Censo

Demográfico de 2000 (IBGE, 2002), no qual 64,7% eram responsáveis pelo domicílio e a maioria (cerca de 40%), diz respeito a um responsável idoso morando com cônjuge, com filho e/ou enteado e/ou com outro parente (pai, mãe, sogro(a), neto(a), bisneto(a), irmão, irmã, agregado). Os idosos, apesar de terem maior renda, são os que mais gastam, sendo responsáveis diretos ou não pelos domicílios. A contribuição dos idosos no orçamento familiar é ainda maior na área rural do país, sobretudo nas regiões mais carentes. Até 2007, 73% dos domicílios das áreas rurais da região Nordeste se beneficiavam dessa renda, como apontam os dados do IBGE, 2007. Neste sentido, os avós são membros importantes nas estruturas familiares contemporâneas, os quais se disponibilizam, em geral, a participar do cuidado e educação das novas gerações. A relação intergeracional se apresenta como um desafio para a atual sociedade, na qual se valorizam o individualismo e as gerações mais jovens.

## **1.2. Variáveis que Influenciam a Relação Saudável entre Avós e Netos**

A família apresenta funções marcantes na vida dos indivíduos, estabelecendo os papéis, normas e regras entre cada um dos seus membros, além de ser considerado o contexto no qual as pessoas se inserem no processo histórico das gerações familiares e culturais. Ramos (2012) afirma que o ambiente familiar ainda é considerado como privilegiado para a constituição da vida psíquica, desenvolvimento integral, cultural e da transmissão intergeracional, o que proporciona suporte para a formação individual e social dos seres humanos. Os avós tendem a ser os principais responsáveis pela transmissão destes valores na relação com seus netos, sendo que as funções materna ou paterna exercidas anteriormente por eles pode influenciar para que o papel de avô seja conflituoso ou satisfatório. Por mais que os espaços familiares de

intergeracionalidade estejam funcionando numa rede de apoio mútuo e de solidariedade, também são constituídos de confronto de ideias e conflitos, caracterizando a complexidade das relações.

Uma postura mais flexível diante da vida exerce um papel fundamental nas relações entre pessoas de diferentes gerações, dando a oportunidade de maior situação de diálogo entre avô e neto, por exemplo. Tendo em vista que diferentes valores e costumes numa mesma família podem ser um risco determinante de rompimento e desequilíbrio, os relacionamentos intergeracionais podem ser valorizados por meio do respeito às mudanças, proporcionando um convívio positivo dando ênfase à comunicação saudável, troca de experiências e abertura para se rever posições contraditórias (Sommerhalder & Nogueira, 2000). Dias (2002) cita os critérios determinantes que estabelecem a qualidade nas relações entre avós e seus netos: a idade, o gênero dos membros, a mediação dos pais, a distância geográfica, ocupação/trabalho e situação de saúde dos avós, nível sócio educacional familiar e a presença de eventos indesejáveis – como o divórcio, as crises financeiras e as possíveis enfermidades. Ramos (2012) ainda acrescenta a esses quesitos a qualidade da estrutura psíquica dos avós, a própria história da família e o tipo de relação presente com os próprios filhos.

Cinco diferentes estilos podem ser identificados nos papéis de avós em relação ao contato com os netos: (a) distante – contato ocasional com os netos, como em datas comemorativas; (b) formal – seguimento da hierarquia familiar com definição clara dos papéis dos membros e presença de condutas convencionais; (c) autoritário – presença de subordinação tanto dos pais, quanto dos netos; (d) substitutivo – quando há impossibilidade dos pais, os avós assumem as responsabilidades de educação e

cuidado; e (e) lúdico – contato por meio de brincadeiras, momentos de lazer e atividades informais (Neugarten & Weinstein, 1964).

A relação entre netos e avós tem se transformado, dando possibilidade de que este cenário seja caracterizado como heterogêneo e em processo de mudança, assim como as famílias. Sabe-se que muitos avós ocupam a função de cuidadores principais durante o período de trabalho dos pais, colocando-os ativamente no desenvolvimento educacional de menores de idade. Outros participam com o sustento, com as obrigações de educação e criação, sendo as principais referências de vida adulta para os netos. Kropf e Burnette (2003) chamam a atenção para o fato de que, quando os avós assumem os cuidados diários, juntamente ao sustento dos netos, há um risco significativo de adoecimento por parte dos mais velhos, podendo levar a um estresse emocional e, em casos mais graves, a quadros depressivos e de isolamento social, alertando para o risco desse tipo de relação. Ademais, os problemas comportamentais e emocionais têm maior risco de aparecerem em crianças criadas pelos avós, com ausência de participação dos pais (Musil *et al.*, 2010).

Um estudo dividido em duas etapas, realizado por Dias, Costa e Rangel (2005), investigou a postura de avós e avôs na criação dos netos. As autoras realizaram entrevistas com 10 avós e nove avôs na primeira etapa do trabalho e com 62 avós na segunda etapa (sendo 32 mulheres e 30 homens). Nesta última, as perguntas feitas pelas autoras foram sobre o motivo de assumirem a criação dos netos; sobre a relação entre ambos e as eventuais dificuldades enfrentadas pelos mais velhos. Os principais motivos encontrados pelas autoras foram: a gravidez na adolescência das filhas, a separação dos pais e a dificuldade financeira da família. As avós destacaram os sentimentos de “obrigação” e “responsabilidade” na criação dos netos, enquanto os avôs citaram a “felicidade” no cuidado. Quanto à maior dificuldade no cuidado, a

opinião das avós foi direcionada às questões financeiras, e para ambos, à dificuldade de impor os limites.

Dias (2002) caracteriza a participação dos avós na rede de apoio familiar como membros importantes nas situações de divórcio e separação dos filhos. Ademais, Dessen e Braz (2000) analisaram o papel de apoio dos avós no período de nascimento dos netos. Em ambos os estudos, destaca-se o auxílio dos avós como fonte material e financeira, além do apoio psicológico. Em diferentes situações, a presença e participação dos avós se apresentam como um diferencial importante para o enfrentamento de situações adversas dos netos.

Diante da relação entre netos e seus avós, ambos podem se beneficiar das trocas afetivas e interacionais. A proximidade emocional se destaca como um dos elementos mais importantes para os avós e bem-estar familiar nas relações intergeracionais, sendo a intergeracionalidade um princípio basilar da vida social, com relevância para a saúde e desenvolvimento do idoso (Rabelo & Neri, 2014). Sabe-se do valor fundamental das conjunturas ambientais para que esses tipos de relações possam ser cada vez mais prestigiados, assim como a relevância de novos estudos nessa área, tendo em vista as mudanças estruturais das famílias na sociedade atual.

### **1.3. As Relações Familiares e a Intergeracionalidade como Agências de Controle: Possíveis Implicações Clínicas**

Como visto anteriormente, a família é uma instituição em constante transformação e uma das principais mudanças observadas atualmente é a maior participação dos avós na educação e cuidado dos netos devido à longevidade. A entrada dos indivíduos na velhice é um fenômeno que já desperta o interesse da

busca de qualidade de vida e bem-estar nos relacionamentos com fonte de saúde mental. Tanto os idosos quanto as crianças necessitam de uma rede de apoio que contribui concomitantemente para ambos os lados, caracterizando uma relação intergeracional de qualidade.

Para se compreender os padrões de comportamentos estabelecidos nas relações de família, por exemplo, e de demais grupos, Skinner (1953/2003) apresenta o conceito de agências de controle. Religião, educação, economia e governo são outros exemplos. O autor caracteriza as agências de controle como a manipulação de determinadas variáveis que exercem controle em indivíduos e grupos de forma parcialmente organizada. Diante disso, um sistema social pode ser identificado ao se analisar uma agência controladora com um conjunto de indivíduos controlados por ela.

As agências de controle atuam no comportamento social, que é definido por Skinner (1953/2003) “como o comportamento de duas ou mais pessoas em relação à outra, ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p. 285). Alguns dos recursos presenciados nos ambientes sociais por meio das diferentes agências de controle é a punição, a qual desencadeia efeitos indesejáveis aos organismos. Os efeitos mais comuns estão relacionados a comportamentos de fuga, esquiva, contracontrole, desamparo, respostas incompatíveis ao comportamento produtivo (Sidman, 1989/1995; Skinner, 1953/2003). Nas famílias, os padrões coercitivos presenciados significativamente na cultura podem ser reproduzidos nas relações entre os membros.

No contexto familiar, os indivíduos têm a oportunidade de experienciar as primeiras consequências de reforço e punição, o que serve de preparação para as relações nos próximos grupos sociais, os quais estarão guiados por outras agências controladoras (Banaco & Martone, 2001). Os pais podem ser vistos como os mais

presentes nos primeiros anos, com o processo de aprendizagem voltado para o núcleo familiar principal e, em seguida, se expandindo para o núcleo familiar secundário, com a presença de primos, avós e tios. O sucesso na educação dos filhos está relacionado à presença das habilidades de organização das regras, na interação e comunicação com os menores, à presença e uso eficiente do reforço positivo e à facilidade com a resolução de problemas. Com a participação dos avós no cuidado das crianças, percebe-se uma nova fonte de autoridade; porém, esta fonte se difere do tratamento dos pais (Lemes, Bueno & Bueno, 2011).

Os avós tendem a ser menos rigorosos com os cumprimentos de regras em comparação com os pais, além de terem menor intimidade com a educação voltada para a negociação (Caldana, 1998). Os posicionamentos contrários na forma de educação entre avós e os pais pode colocar em risco a relação intergeracional, impedindo que haja contato e valorização de ambas as gerações. As mudanças estruturais das famílias devem ser acompanhadas pelos profissionais de diferentes áreas da saúde, como os psicólogos clínicos, os quais se beneficiam das possibilidades de análise e intervenção diante do novo paradigma.

No estudo realizado por Hayslip e Kaminski (2005), o cuidado na relação com as crianças sugere diferenças importantes entre as condutas dos pais em comparação aos avós. Metade dos 80 participantes (sendo 40 pais e 40 avós) concluíram que estavam criando os filhos/netos com dificuldades emocionais e comportamentais. Os avós cuidadores se mostraram menos atentos do que os pais a responder às necessidades psicoemocionais dos netos, além de serem mais propensos a enfatizar a obediência, considerando a opinião divergente de uma criança como um sinal de desrespeito. Os autores ainda destacam que o desenvolvimento de programas psicoeducacionais aos

avós leve em consideração a compreensão dos seus padrões de comportamento na relação com seus netos.

Apesar da longevidade, da maior participação dos avós no cuidado dos netos e das modificações das estruturas familiares, o gênero ainda se mostra como uma variável significativa de influência nos papéis dos avôs e avós. As mulheres dão maior importância à relação com os netos e tendem a participar de forma mais ativa em aspectos emocionais, atividades tidas como maternas, socialização e práticas educativas e de saúde cotidianas. Os homens, por outro lado, se preocupam mais com a participação em atividades lúdicas, esporte e lazer, dando ênfase aos estudos, trabalho e futuro dos netos (Ramos, 2012). Essa distinção reforça os estereótipos direcionados ao gênero e ao envelhecimento, no qual os avôs são referências para atividades profissionais voltadas para o domínio público e as avós fortemente vinculadas às histórias familiares voltadas ao domínio privado, ou seja, tarefas de casa, cozinha e roupa (Attias-Donfut & Segalen, 1998). Com as mudanças nos papéis de gênero presenciadas no último século, levanta-se a hipótese de que haverá aumento de conflitos nas relações avós-pais-netos.

Como dito anteriormente, o presente estudo pretende mostrar as contribuições da Análise do Comportamento diante de relações intergeracionais em conflito, tendo em vista a maior presença e participação de gerações distantes na convivência da sociedade contemporânea. Para isso, os próximos capítulos apresentarão os principais conceitos e colaborações presentes na Terapia Analítico-Comportamental, ou Análise Comportamental Clínica, e uma análise da relação intergeracional ilustrada no filme “Uma Família em Apuros” (*Parental Guidance*, 2012).



## Capítulo 2. A Relação Intergeracional no Filme “Uma Família em Apuros”

Título Original: *Parental Guidance*

Título Brasileiro: Um Família em Apuros

Gênero: Comédia/Drama

Roteiro: Lisa Addario e Joe Syracuse

Direção: Andy Fickman

Produção: *Chernin Entertainment e Face Productions*

Ano: 2012

A trama representada no filme se inicia diante do convite para uma viagem de trabalho recebida por Phil, pai de uma tradicional família estadunidense, o qual decide estender o período da viagem para passar alguns dias a mais na companhia da esposa, Alice, mãe da família. O receio do casal quanto à decisão da viagem a dois está relacionado ao cuidado dos três filhos durante a semana de recesso. Solicitam, inicialmente, aos avós paternos a responsabilidade; porém, ambos negam, pois também estão com uma viagem marcada para o mesmo período. Phil e Alice, então, optam por convidar os avós maternos (pais de Alice), que vivem em outra cidade, para assumirem a rotina dos netos durante a ausência dos pais. Artie Decker (o avô) e Diane (a avó) acabam aceitando o convite da filha, mesmo com a resistência de Artie, o qual se encontra muito decepcionado, pois recentemente foi demitido de seu trabalho de locutor de beisebol devido à não afinidade com o uso das novas tecnologias requisitadas na sua função, vendo-se obrigado a se aposentar. A avó, por outro lado, a qual está aposentada, faz aula de *pole dance* e é caracterizada por sua vaidade, vê o convite como uma oportunidade significativa de aproximação dos netos, uma vez que ela e o marido são considerados pela própria filha como “estranhos” e diferentes dos “outros avós”, ou seja, menos relevantes e presentes em comparação aos pais de Phil.

Os três netos de Artie e Diane, inicialmente, discordam da decisão dos pais em deixá-los com os avós maternos, com os quais não apresentam afinidade. A neta mais velha, Harper (12 anos de idade), vive uma forte tensão com a aproximação de uma audição de violino prevista para os próximos dias e está lidando com a entrada na fase da adolescência. Seu irmão do meio, Turner (9 anos de idade), é uma criança insegura e apresenta problemas de relacionamento com colegas de sua escola, os quais lhe criticam devido a uma característica tida como “ruim” por eles: sua gagueira. Já o neto caçula se chama Barker (5 anos de idade), sendo o mais atrevido e desobediente, tem um amigo imaginário que consegue modificar vários planos da família. A Figura 1 apresenta uma estrutura da família representada no filme, assim como informações sobre os relacionamentos entre seus membros por meio de um genograma, para facilitar a compreensão do leitor sobre o contexto de interação em questão.

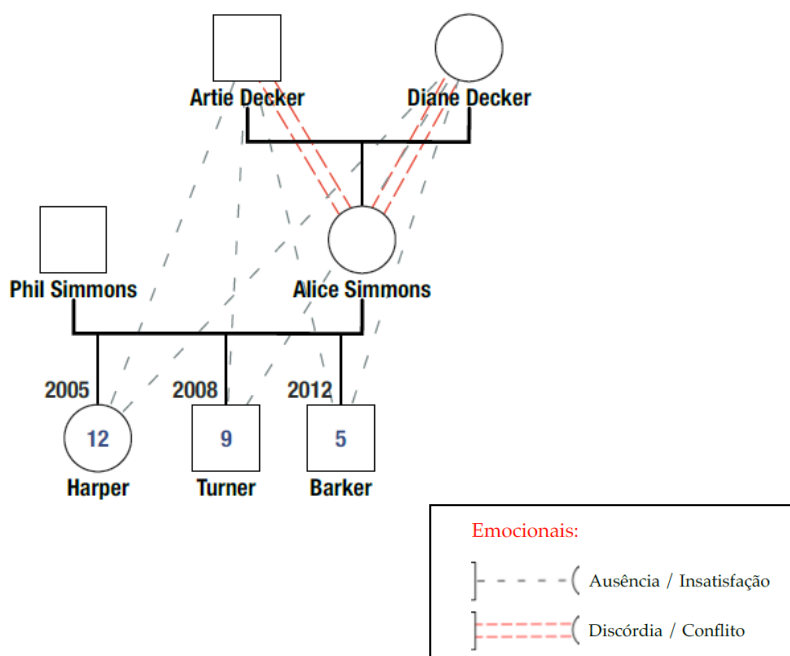


Figura 1. Genograma familiar representado no filme “Uma Família em Apuros”.

A dificuldade de Phil e, principalmente, de Alice em deixarem os filhos sozinhos e, ainda mais sob conduta dos avós, é evidente, o que acaba retardando a ida da mãe para a viagem. Eles apresentam um padrão de superproteção, em que estão cientes dos acontecimentos das vidas dos filhos e se comportam de forma a evitar que as crianças cometam certos erros e tenham frustrações, retirando suas capacidades de escolha quanto a atividades extracurriculares e amizades. Tendo em vista as particularidades das regras da família, os avós receberam algumas orientações de Alice antes da viagem: (a) os filhos seguem uma alimentação saudável e são proibidos de consumir qualquer alimento com açúcar; (b) deve-se evitar o uso do “não”, dando oportunidade para as crianças refletirem, dizendo-as: “considere as consequências”, ou seja, ao invés de usar “não faça”, devem dizer “pense nisto”; e (c) deve-se deixar que as crianças expressem suas emoções, evitando dizer “sua birra e/ou malcriação me deixa com dor de cabeça”, passando a orientar “use suas próprias palavras, seus próprios termos”.

Os avós, Artie e Diane, se veem obrigados a seguir as normas dadas pela filha com o intuito de não a magoar e provarem que podem ter uma relação saudável e segura com os netos. Contudo, a forma de conduta da educação dos filhos por Alice e Phil se distancia do que os avós estão acostumados a oferecer, apresentando mudanças significativas em relação ao que eram orientados em seus períodos como educadores. Além disso, Artie não se identifica como “avô” pedindo inicialmente aos netos que o chamem pelo primeiro nome, caracterizando uma relação distante e conflituosa com as crianças. Essa distância também fica clara quando Artie descobre, por acaso, que sua filha tem uma profissão na mesma área que a sua, sendo editora de um importante canal televisivo de esportes há mais de 5 anos. Esta dificuldade na interação e a identificação de “erros” na postura do avô no cuidado com os netos,

como, por exemplo, permiti-los comer bolo de sorvete, orientar o neto caçula a desenhar seguindo as extremidades das margens e criticar o trabalho da fonoaudióloga, fazem com que Alice adie por duas vezes sua ida, deixando Phil ansioso e desacreditado de sua chegada.

A relação entre os avós e os netos se inicia fria e dá a impressão de que a diferença de geração caminhará para mais brigas e desentendimentos entre os membros da família. Artie e Diane se mostram desconfortáveis com as regras impostas pela filha, estranhando a dieta das crianças e tendo que lidar com o sistema eletrônico de última geração para a organização doméstica (criado e instalado pelo próprio Phil). Todavia, os avós passam a usar o que consideram importante para a educação dos netos, sem se prenderem aos modelos dos pais, dando aos netos outras possibilidades de lidarem com suas dificuldades.

Um dos erros mais significativos do avô foi levar o caçula Barker para uma entrevista de emprego de locução de campeonato de *skate*. Artie não queria perder a oportunidade de receber o trabalho, mas acabou deixando o neto em risco quando Barker fugiu em direção a pista de *skate*, onde quase causou um acidente e acabou sendo noticiado para todo o país, antecipando o retorno de Alice e Phil para casa.

Apesar das condutas consideradas inadequadas pelos pais, os avós conseguem ao longo do filme estreitar os laços com os netos. Diane passa a valorizar na relação com a neta, Harper, os momentos de lazer e descontração, retirando a tensão diante da audição de violino. Artie logo percebe os ganhos de Barker com o seu amigo imaginário, chamado Carl (por exemplo, Barker esquiva-se de estímulos aversivos ao colocar a culpa em Carl por ter deixado entupir o vaso sanitário com seu travesseiro e justificar sua permanência no carro devido à ida de Carl a uma consulta médica justamente no estacionamento da escola) e passa a questioná-lo, incentivando que o

neto diga o que tem que fazer ao invés do amigo, ou seja, o caçula passa a tomar decisões respondendo por si. O avô também serve de modelo importante na relação com Turner, o qual consegue enfrentar seus medos e, conseqüentemente, aliviar a gagueira e nervosismo.

O filme termina com a aceitação de Alice e de Phil às limitações e qualidades apresentadas pelos avós, os quais passam a ser chamados de avós e convidados a participar mais dos momentos com os netos. A aprendizagem identificada no decorrer do filme é destacada pela sua dupla direção: de avós para os netos e vice-versa.

### **2.1. Elementos Funcionalmente Relevantes, e Como os Avós Podem Influenciar**

Ao se considerar a relação entre avós e netos como significantes no cenário das famílias contemporâneas, o processo de aprendizagem caracterizado nesta relação intergeracional informa sobre comportamentos favoráveis e/ou desfavoráveis diante do mandato terapêutico, ou seja, diante das metas apresentadas inicialmente pelos clientes em psicoterapia. Uma importante ferramenta do terapeuta comportamental é a análise funcional, na qual o objeto de estudo do profissional será o uso de unidades funcionais do comportamento (Matos, 1999). Skinner (1953/2003) destaca a ideia de que a análise das causas dos comportamentos deve ser feita pela identificação das relações funcionais entre atividades do organismo e eventos ambientais, sendo este o papel central da abordagem clínica. O interesse na aplicação das análises funcionais não se restringe às ações de determinado indivíduo, mas ao levantamento de antecedentes, conseqüentes, histórico de reforçamento/punição e os efeitos vinculados ao padrão comportamental em questão (Marçal, 2010).

Uma das abordagens atuais em Terapia Comportamental, a Psicoterapia Analítica Funcional (em inglês, *Functional Analytic Psychotherapy*, FAP) enfatiza a relação terapêutica como ambiente de intervenção do terapeuta com seu cliente (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001). Neste contexto, a atenção dada pelo terapeuta comportamental é dirigida tanto aos esquemas de reforçamento e punição em vigor quanto aos comportamentos de interesse, que são chamados de Comportamentos Clinicamente Relevantes (em inglês, *Clinically Relevant Behaviors*, CRBs). Estes devem ser compreendidos por comportamentos observados na relação terapeuta-cliente, sejam eles comportamentos-problema ou finais desejados.

Para um analista do comportamento, os CRBs são “recortes” de padrões comportamentais que foram modelados em outras relações do cliente. Nesse sentido, a participação dos avós no cotidiano das crianças e dos adolescentes informa sobre os comportamentos que podem ser reforçados pelo terapeuta como sendo desejáveis, assim como ao enfraquecimento de outros no decorrer do processo terapêutico. As análises funcionais são ampliadas a outros contextos de relação, como dos avós com seus netos ou o contrário, nos quais os comportamentos relacionais devem receber a mesma importância dos padrões apresentados por um indivíduo em terapia. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando um terapeuta infantil identifica uma frequência alta de respostas de agressão e resistência (CRBs 1) da criança ao participar de atividades específicas no consultório, restringindo-se aos jogos e brincadeiras de seu interesse, ou seja, com baixa variabilidade. No contexto familiar desta mesma criança, sabe-se da participação significativa da avó na sua rotina diária, que prefere deixar o neto com as atividades comuns, com as quais tem maior habilidade, do que vê-lo em novas atividades. Possivelmente, essa avó adquiriu um padrão de esquia diante dos comportamentos agressivos do neto, sendo generalizado para outras relações.

Tendo em vista as novas estruturas familiares, influenciadas pela entrada da mulher no mercado de trabalho e aumento dos núcleos monoparentais, os avós podem se apresentar como referência no suporte de criação dos netos. Levar os netos à escola, às atividades extracurriculares, às consultas médicas e à psicoterapia; comparecer às reuniões escolares e sessões de orientação e devolução são alguns dos exemplos nos quais os avós estão se inserindo nas dinâmicas familiares. Neste sentido os avós atuam como corresponsáveis pelas atividades de apoio aos netos, o que pode ser considerado um risco em algumas situações. Não é incomum que casos de violência, abuso e negligência sejam realizados por avós desamparados contra seus netos, evidenciando a importância do olhar clínico para estas relações, sobretudo dos psicoterapeutas infantis. Um levantamento do perfil de 20 crianças hospitalizadas em situação de violência na cidade de Porto Alegre, com as idades de um mês a 14 anos, apontou que 5% dos agressores eram as avós dos menores e outros 5% eram avô e avó (Santin *et al.*, 2016). Da mesma forma que os avós podem assumir o papel de cuidadores dos netos, o contrário também é visto nas famílias. Com a longevidade, os netos podem passar a se responsabilizar por atividades dos avós, como ida e acompanhamento a consultas médicas e psicológicas, auxílio nas compras de medicamentos e alimentos, organização financeira e da rotina dos avós, além de apoio quanto ao deslocamento dos idosos, principalmente dos que apresentam maior dependência física. As possibilidades de riscos nessas relações também são possíveis, com as diversas formas de exploração, abuso e maus-tratos contra os idosos, trazendo à tona a relevância de se incentivar cada vez mais relações intergeracionais saudáveis (Sanches, Lebrão & Duarte, 2008).

Na relação entre netos e avós caracterizada no filme “Um Família em Apuros” nota-se que alguns elementos na conduta dos avós dão a possibilidade de os netos

terem contato com outras contingências, além da flexibilização de regras valorizadas na relação dos pais com seus três filhos. Essas mudanças podem ser vistas como clinicamente relevantes – que são diferentes dos comportamentos clinicamente relevantes que ocorrem no contexto da relação terapêutica - uma vez que dão aos netos outras oportunidades de comportar-se diante de situações de frustração e dificuldade. Concomitante aos elementos destacados pelas posturas dos avós, Harper, Turner e Barker permitem que seus avós vivenciem atividades até então pouco exploradas.

## **2.2. Benefícios da Relação Intergeracional**

As relações entre avós e netos têm se mostrado cada vez mais significativas diante das famílias contemporâneas. Tanto os netos influenciam os fatores emocionais das experiências de envelhecimento vividas pelos avós, quanto os mais velhos influenciam a vida dos mais novos. Os avós, que por algum motivo perderam o contato com seus netos, tendem a apresentar mais características depressivas, ou seja, um impacto negativo na saúde emocional, como afirmam Drew e Silverstein (2007). Nesse sentido, há benefícios tanto para os netos quanto para os avós quando há troca afetiva intergeracional.

No filme “Uma Família em Apuros”, nota-se que Artie e Diane apresentavam um vínculo distante com seus únicos netos, tendo em vista a distância geográfica e as poucas oportunidades de interação proporcionadas por Alice. Com a viagem de Phil e Alice, os avós têm a oportunidade de se relacionar com os netos sem a preocupação que tinham no período de cuidado da filha, com a maior parte do tempo voltada para os compromissos dos netos, uma vez que ambos já estão aposentados. Neste sentido, eles acabam atendendo, principalmente, às demandas de apoio instrumental, no que



se refere ao auxílio do cumprimento das tarefas domésticas, transporte e acompanhamento dos netos. Apesar de não haver uma decisão clara na divisão das atividades, percebe-se que Artie assume a maior parte das atividades com os netos do sexo masculino e Diane as atividades de Harper.

Outros tipos de apoio identificados na relação entre netos e avós do filme dizem respeito aos suportes emocional e cognitivo. O emocional pode ser compreendido como a expressão de carinho, confiança e afeto por troca física ou gestual, enquanto o cognitivo se refere à troca de experiências e informações sobre a família, dando permissão para o entendimento de situações (Gonzales, 2010). Artie se apresenta como um importante aliado do neto caçula ao incentivá-lo a tomar decisões sozinho, ao invés de utilizar seu amigo imaginário para justificar seus erros e deixar de fazer o que não gosta. Isso também ocorre na relação com Turner, na qual Artie compartilha um episódio marcante de sua vida, durante a transmissão de uma final de beisebol, a qual lhe ajudou a enfrentar dificuldades e ter sonhos. Da mesma forma, Diane compartilha momentos de sua vida em que teve que tomar decisões difíceis e deixar algumas preocupações de lado, incentivando que Harper aproveitasse outros momentos da vida além da música.

Artie e Diane também passam a se beneficiar da relação com os netos, como na situação em que Barker solicita ao avô que faça uma homenagem durante o velório do amigo imaginário, momento que contou com a participação de todos os membros da família. Artie é reconhecido pelo neto como uma figura de respeito ao pedir as palavras do avô, que tem a oportunidade de expressar seus sentimentos e receber o carinho de Barker. O avô também se beneficia dos aprendizados conquistados na relação com Turner, o qual lhe ensina a usar um tablete e os termos e gírias comuns no meio dos profissionais de esportes radicais, com o intuito de atualizar o avô para

sua entrevista de emprego. Diane, por sua vez, tem a oportunidade de fazer atividades com a neta mais velha que são de seu interesse, como escolher uma roupa nova e fazer uma maquiagem para uma festa.

Os sentimentos de segurança, bem-estar e de pertença são favorecidos pela qualidade dos relacionamentos afetivos e interacionais entre as diferentes gerações, o que reflete na valorização do cuidado afetivo e na produção de papéis e representações sociais (Rodrigues, 2013). De acordo com Rubini (1995), esses diferentes papéis sociais são identificados no grupo social a que um indivíduo pertence, diante de um padrão de comportamento que representa sua posição especial. Neste sentido, o termo “papéis sociais” refere-se aos padrões ou repertórios comportamentais selecionados socialmente. No caso do presente trabalho, estarão associados aos padrões identificados em virtude das gerações e/ou faixas etárias que cada indivíduo representa, como exemplificado no parágrafo seguinte.

O contato com novas gerações contribui para que os preconceitos e visões estereotipadas relacionadas ao outro sejam enfraquecidas, como demonstrado no filme, quando Artie afirma que “nunca meus netos vão me entender” e “o jeito de Alice criar os filhos é ridículo”, são exemplos de ideias que vão se modificando com a troca geracional. Com a relação intergeracional saudável, torna-se possível que a segregação etária diminua, sendo as relações familiares de fundamental importância para essa transmissão de valores (Vicente & Souza, 2011). Na visão do analista do comportamento, essas questões são diferenciadas a partir das identificações dos comportamentos guiados por regras e comportamentos diretamente governados pelas contingências, como será aprofundado no próximo tópico.

### **Capítulo 3. A Análise do Comportamento no Contexto das Abordagens Psicológicas**

Tendo em vista as várias abordagens teóricas que compõem a Psicologia e suas diferentes contribuições para os estudos dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, sabe-se que a prática profissional dependerá do paradigma que a orienta. A Análise do Comportamento se destaca no contexto das abordagens psicológicas pelo seu histórico e contribuições científicas. O analista comportamental clínico se baseia nos princípios do Behaviorismo Radical, o qual se caracteriza por uma filosofia com entendimento de que o comportamento é derivado de três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural, como citado anteriormente. Esse modelo defende a ideia de que diferentes variáveis atuam diante de uma resposta (multideterminação do comportamento), sendo esta considerada complexa (Marçal, 2010; Matos, 1999).

Além dos níveis de seleção do comportamento, outro modelo explicativo destacado por Skinner é o das relações funcionais, o qual teve influência do modelo funcionalista defendido por Ernest Mach (Chiesa, 1994). Ao aplicar o modelo operante de análise do comportamento, Skinner passa a substituir um modelo de análise até então linear, de causa e efeito, para um entendimento funcional. As mudanças em variáveis independentes passaram a representar as causas e o efeito, a alteração na variável dependente (Skinner, 1953/2003). Há, portanto, uma rede de possibilidades na influência de um comportamento, o que indica que a resposta pode estar em função de mais de uma possibilidade de variável, seja ela um estímulo antecedente ou uma consequência.

O terapeuta comportamental utiliza as análises funcionais como recursos de análise e diagnóstico no contexto terapêutico, levando em consideração que os estímulos e respostas assumem funções específicas ao tipo de relação de cada caso clínico. Uma das formas de se compreender didaticamente as regularidades das relações se dá por meio das análises funcionais moleculares, que são representadas pela tríplice contingência, a qual se desenvolve em três quesitos: (a) antecedentes – ocasião na qual a resposta em análise acontece; (b) a classe de respostas em questão; e (c) as consequências reforçadoras (Skinner, 1953/2003). Nessa contingência, se identificam as relações de dependência entre os eventos ambientais e comportamentais.

Numa visão mais ampla, pode-se dizer que a mudança de comportamento ocorre quando há modificação nas contingências: a apresentação de um antecedente aumenta a probabilidade de uma resposta, ao mesmo tempo em que esta resposta produz consequências, modificando o ambiente (Meyer, 2001). Toda esta situação muda o ambiente e favorece a formação de cadeias comportamentais, permitindo o levantamento de padrões comportamentais por meio das análises funcionais molares.

O analista do comportamento elabora intervenções e análises clínicas com base nas hipóteses funcionais identificadas nas relações presentes na vida do cliente e na própria relação terapêutica. Além disso, a visão de que o comportamento do cliente é produto das contingências às quais foi e é submetido colocam a importância da investigação do histórico de vida, sendo este um elemento primordial para o cumprimento do objetivo terapêutico: ensinar o cliente a realizar análises funcionais (de-Farias, 2010).

### 3.1. A Análise Comportamental da Relação Intergeracional do Filme

O entendimento do comportamento humano deve levar em consideração a interação do ambiente com o organismo, sendo observado em conjunto “(a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e (b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo (c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído” (Skinner, 1981/2007, p. 131). Quanto ao nível cultural de seleção, podem-se destacar aqueles comportamentos que são controlados por regras<sup>1</sup>, assim como os estímulos verbais ou simbólicos, os quais podem ser acumulados e transmitidos para outras gerações pela linguagem. Por outro lado, apesar das semelhanças topográficas, as variáveis de controle dos comportamentos modelados pelas contingências estão diretamente relacionadas às suas consequências imediatas. Os comportamentos controlados por regras, então, dependem de antecedentes verbais que vão caracterizar as contingências, sem a necessidade de contato direto com as consequências descritas, como no controle pelas contingências (Albuquerque, Matos, de Souza & Paracampo, 2004). As agências de controle, apresentadas no tópico 1.3, são fontes de regras de conduta e morais em seus contextos de atuação, como nos casos das famílias, nas quais os comportamentos guiados regras são frequentemente valorizados.

Tradicionalmente, nas famílias ocidentais, tem-se a visão de que a velhice é sinônima de perdas essenciais para a vida de um indivíduo, como período de reclusão e proximidade com a morte. Isso se torna claro ao se perceber que o termo “velho” está relacionado a vários déficits, como desatualização, incapacidade, perda de beleza, sedentarismo e outras características consideradas negativas. Na perspectiva

---

<sup>1</sup> Essas regras são estímulos antecedentes verbais que, particularmente, descrevem uma dada contingência (Skinner, 1969/1975).

da Análise do Comportamento, além das regras, explicadas anteriormente, os conceitos de velhice podem ser compreendidos pela equivalência de estímulos. Diversos processos comportamentais, como a cognição e a linguagem, têm sido estudados a partir da formação de estímulos equivalentes. Neste paradigma, os estímulos podem ser considerados equivalentes nas relações entre estímulos sem que haja um ensinamento anterior ou determinada consequenciação. O significado de uma palavra, no caso da compreensão e produção da linguagem, está relacionado a diversos estímulos e esta classe de estímulos equivalente à palavra constitui o seu significado (de Rose, 1993).

Logo no início do filme “Uma Família em Apuros”, com a decisão de que os pais de Alice tomariam conta das três crianças durante a ausência dos pais, nota-se a desconfiança do casal quanto à conduta que será adotada pelos avós. Alice comenta com seu marido sobre a idade avançada dos pais, a dificuldade de Artie em escutar, as preocupações exclusivas de Diane com maquiagens e batons, além da discordância e desatualização das formas de educação. Esses exemplos servem como parte da análise do padrão de queixa dos netos diante da proposta de ficar sob conduta dos avós, os quais são vistos no ambiente familiar como inferiores e desqualificados. A partir disso, várias condutas de resistência à decisão dos pais são emitidas pelas crianças, como o choro de Barker e a pergunta feita a Alice: “Mas por que temos que ficar com eles?”. Esse padrão de “resistência” ou oposição dos filhos pode ser entendido como um padrão de esquiva na relação com os pais. Ambos se reforçam negativamente quando agem de maneira coercitiva – pais comunicam decisão; a criança chora e reclama; pais tiram a ordem e mudam decisão para evitar a insistência do filho. Assim, os comportamentos considerados coercitivos – chorar e reclamar dos filhos – são reforçados pela ausência de um evento aversivo – decisão

dos pais. Juntamente com os métodos aversivos, o reforçamento negativo (observado na situação anteriormente descrita) é agente de controle na manutenção de “comportamentos-problema” dos filhos; por outro lado, influenciam significativamente a intensificação e manutenção de comportamentos coercitivos (McMahon, 2008).

Alice tem um papel importante na construção dos valores sobre a relação entre seus filhos e seus pais. As regras e críticas apresentadas por ela aos seus pais certamente reforçam os significados negativos vinculados à velhice vivida por eles aos seus filhos, caracterizando a importância dos pais na manutenção de uma relação intergeracional saudável entre netos e avós. O começo das interações retratadas no filme entre netos e avós é marcado pela “superproteção” de Alice, o que acaba punindo a participação dos avós como apresentado nas análises funcionais moleculares da Tabela 1. Nota-se que ela se posiciona dando valor às condutas do filho mais novo e menosprezando as posturas do seu pai, caracterizando os primeiros contatos com os netos em um ambiente punitivo e de cobrança para os avós.

Pode-se perceber, nas situações em destaque na tabela, um controle prejudicial por regras: seu seguimento leva ao controle, por parte de Alice, da relação entre o avô e seu neto, mas não descreve acuradamente as contingências específicas. Na primeira situação, por exemplo, Alice mantém um comportamento de Barker (molhar o avô) que seria, provavelmente, punido em diversos outros contextos/por diferentes agentes. Ademais, o distanciamento entre os avós e netos é intensificado, pois não há a oportunidade para que ambos se relacionem diretamente, ou seja, sem a intervenção da mãe.

Antecedentes	Respostas	Consequências/ Processos	Efeito(s)
Situações de interação familiar: refeições, chegada dos avós e instalação dos avós na casa de Alice e Phil.	Avós conversam, realizam perguntas aos netos.	Alice responde pelos netos, criticando falas dos avós. (P+) Alice muda de assunto. (Extinção) Netos evitam responder. (P-/Extinção)	Sentimento de desvalia
Regra: “Os métodos de educação dos meus pais são ruins”; Barker molha Artie com a arma de água que ganhou dos avós.	Alice culpa/critica seu pai por ter dado armas de presente aos filhos	Evita conflito com Barker. (R-) Evita reclamação e birra de Barker. (R-) Manutenção do papel de “mãe insubstituível” e do reconhecimento de suas funções pelos filhos. (R+) Desgaste da relação dos avós com netos. (P+) Distanciamento entre netos e os avós. (P-)	Alívio  Tristeza, culpa.
Artie corrige o desenho do neto: “Tente pintar dentro do contorno”	Alice chama a atenção do pai: “Não seguimos as linhas. Deixe-o se expressar”.	Evita conflito com Barker. (R-) Evita reclamação e birra de Barker. (R-) Artie e Diane concordam com a filha. (R+) Distanciamento na relação entre neto e avô. (P-) Prejuízos na relação intergeracional. (P+)	Alívio  Culpa, raiva.

**Tabela 1.** Análises funcionais moleculares na relação de Alice com seus pais e o filho caçula.

Contudo, não se pode desmerecer a importância das regras em diferentes tipos de relações. Quando há uma consequência punitiva ou nas situações em que a obtenção de reforço é distante, considera-se desejável que o comportamento não seja diretamente exposto às contingências. O mesmo serve para os comportamentos que são considerados indesejáveis pelo próprio indivíduo e seu grupo, sendo beneficiado pelo controle instrucional (Skinner, 1969/1975). Ao perceber que Harper não estava à vontade e satisfeita com sua performance no violino minutos antes de sua apresentação, por exemplo, Alice decide conversar com a filha e dar-lhe a possibilidade de deixar a apresentação de lado. Uma provável regra citada pela mãe diz respeito ao “valorizar também as escolhas dos filhos”, não se prendendo ao seu



desejo de que Harper fosse estudar no exterior. O benefício do controle instrucional se torna evidente ao se observar a postura de apoio e afeto na decisão da filha ao abandonar a disputa pela bolsa de estudos tão quista pela família. Como consequência imediata da situação, há a aproximação entre mãe e filha. Com a viagem de Alice, Artie e Diane ficam sem a presença controladora da filha e passam a interagir com os netos da forma como estão mais acostumados. Diferentemente do controle por regras, os comportamentos dos avós e dos netos passam, ao longo do filme, a ser modelados pelas contingências presentes na interação intergeracional. Isso significa que há a oportunidade de que os eventos ambientais funcionem como estímulos discriminativos e as consequências diretas modelam e mantêm os comportamentos de cada membro (Skinner, 1953/2003, 1969/1975).

As atividades até então propostas pelos avós eram tidas como não divertidas, assim como os avós se sentiam “desatualizados” ao interagirem sem seguir as orientações da filha e os recursos tecnológicos. O avô inicia a relação utilizando significativamente controle aversivo e reforço arbitrário, a fim de conquistar a obediência dos netos, condutas que sua filha não autorizava, principalmente com Barker. Em vários momentos do filme, Artie manda Barker realizar algo, prometendo-lhe em troca a retirada de um estímulo aversivo (reforço negativo) ou ameaçando apresentar um estímulo aversivo (punição positiva); quando utilizava reforçamento positivo, apresentava o dinheiro como reforçador arbitrário.

Artie, então, começa a perceber que, na relação com os netos, há a possibilidade de interação saudável, assim como a responsabilidade que tem no cuidado com as crianças. Sua comunicação com os netos se modifica ao tratá-los com afeto. Ao incentivar que Turner enfrente sua timidez e as críticas que recebe dos colegas da escola, o avô logo se preocupa em dar outras orientações de como enfrentar as

dificuldades, uma vez que o neto volta para casa com sequelas de agressão física devido ao enfrentamento malsucedido. E, também, ao decidir levar Barker para sua entrevista de emprego, quando o neto caçula sai para ir ao banheiro sozinho e acaba correndo risco de morte, são exemplos em que Artie se desculpa com os netos e sugere novas possibilidades de enfrentar as dificuldades. Há, em ambos os casos, a presença da autorrevelação por parte do avô, o que pode caracterizar uma aproximação significativa na relação intergeracional do filme. Artie revela aos netos momentos em que teve contato com sofrimento, bem como quais caminhos utilizou para enfrentar seus problemas. Todos esses comportamentos de exposição a uma situação de crítica e de punição consistem em vulnerabilidade pessoal e permitem a construção de uma relação íntima (Vandenberghe & Pereira, 2005) entre avô e netos. O comportamento íntimo pode ser entendido como um comportamento social, pois depende da interação com outra pessoa para que haja reforço, ou seja, nesse tipo de relação, a autorrevelação é reforçada pelo outro. A intimidade pode ser definida como uma sequência de eventos em que há reforço por parte dos comportamentos de outra pessoa ao comportamento vulnerável à punição interpessoal (Cordova & Scott, 2001)..

Diane, por sua vez, vive na relação com sua neta mais velha a oportunidade de sair para comprar roupas, maquiagem, falar de festas e paqueras, ou seja, assuntos que não teve na criação de Alice. Harper se beneficia da relação com a avó, pois tem a possibilidade de falar de assuntos que já começaram a se destacar nas relações com outras pessoas de sua idade, como os colegas da escola. Ao contrário da avó, sua mãe evitava que a filha tivesse contato com outros temas fora os estudos e o treino de violino, com o objetivo de conquistar uma bolsa de estudos no exterior. Na relação entre neta e avó, as atividades de cobrança são levadas com mais tranquilidade e

leveza, favorecendo que Harper consiga tomar decisões respeitando outras demandas de sua vida atual. Isso se torna evidente quando a neta também se engaja em atividades em outros contextos, fora da cobrança escolar, como trocar o momento de ensaio para jogar com os avós e os irmãos e ir à festa na casa de um amigo na véspera de sua audição.

### **3.2. Possíveis Estratégias, Técnicas e Instrumentos de Intervenção Clínica**

A demanda de psicoterapia para conflitos intergeracionais pode ser identificada pelo analista do comportamento clínico em processos individuais, sejam estes de terapia infantil, adolescente, adultos ou idosos, ou em processos grupais, como terapia de casal e de família. A partir das análises funcionais dos padrões comportamentais identificados pelos diferentes membros da família, cabe ao profissional indicar os serviços de atenção à demanda. Deve-se avaliar a situação atual da relação familiar na busca de acolhimento adequado da queixa, podendo ser um contexto de trabalho terapêutico breve (como, por exemplo, no caso de sessões pontuais de orientação ou treino comportamental com os cuidadores de uma criança em processo terapêutico infantil), assim como o início de uma terapia familiar. Outras possibilidades de trabalho do psicólogo também podem ser voltadas para programas e grupos com caráter de atuação preventiva (de orientação) ou atendendo a queixas de determinada situação (como pais que buscam orientação sobre a participação dos avós na rotina dos netos; preparação para avós; e atividades de avós com netos).

Neste sentido, os programas intergeracionais são tidos como estratégias de intervenções significativas aplicadas por equipes de atenção multidisciplinar, com destaque ao viés do analista comportamental clínico, e adaptáveis a diferentes

grupos. O foco dessa intervenção está na atuação e desenvolvimentos de programas de treino intergeracional para prestadores de cuidados a crianças e idosos.

O Modelo para Seleção e Avaliação das Atividades Intergeracionais, proposto por Ames e Youatt (1994), considera que a geração do meio seja responsável pela iniciação, implementação e, ainda, pela avaliação dos programas. Isso se justifica pelo fato de essa geração assumir duas importantes funções no contexto das intervenções: (a) papel de mediador, atuando como catalisador dos programas, como em situações de família, mediando papéis na qualidade do relacionamento entre avós e seus netos; e (b) papel de beneficiário, destacando seus ganhos quanto à sua posição de pai, filho, profissional ou membro comunitário.

As pesquisadoras propuseram, então, categorias centrais de atuação: recreação/lazer; educação; promoção de saúde; serviço público e desenvolvimento pessoal. A categoria recreação/lazer é caracterizada como uma indicadora de resultados e precursora para outras atividades intergeracionais com o intuito de promover o convívio com pessoas de diferentes idades, dando a possibilidade de que regras sejam reformuladas a partir do contato direto com contingências reforçadoras da interação com outras gerações. Já a de educação tem sido utilizada prioritariamente com a população adulta mais velha, com a proposição de estabelecer um contexto de troca de experiências, conhecimento e modelos dos mais velhos para os mais novos. Quanto à promoção de saúde, o terapeuta pode proporcionar uma atividade com caráter reflexivo, possibilitando pensar sobre a relação entre intergeracionalidade atribuída ao bem-estar e a saúde. No serviço público, as autoras apresentam a oportunidade do trabalho em conjunto entre jovens e idosos no sentido de conquistas comuns, tendo em vista a vinculação entre membros de família, líderes comunitários e organizações públicas como instrumentos de desenvolvimento dos

programas. Por último, na categoria de desenvolvimento pessoal, está a proposta de fortalecimento do companheirismo, partilha e solidariedade entre as gerações, permitindo o equilíbrio no programa proposto.

Segundo Maiden e Zuckerman (2008), os principais pontos de atenção do profissional clínico dentro do trabalho familiar intergeracional da relação de conflito entre avós e netos: obter dados da família extensa, incluindo o maior número de membros da família possível na coleta de informações; enfatizar as importâncias da relação entre neto e avós; além de usar o princípio de Premack. O princípio de Premack se apresenta como uma sugestão de intervenção na qual os estímulos reforçadores para dado comportamento consistem na possibilidade de ou na liberação para a emissão de outro comportamento. No caso do tratamento familiar intergeracional, um comportamento esperado do neto é reforçado por um comportamento que já ocorre frequentemente no repertório da criança. O exemplo apresentado pelos autores diz respeito à quando a avó espera que a neta se vista para escola: o comportamento de se vestir, com baixa probabilidade inicial, pode ficar sob controle da emissão do comportamento de jogar um jogo ou de entrar no transporte escolar, sendo estas últimas condutas que ocorrem com mais frequência. Maiden e Zuckerman afirmam que os avós tendem a se sentir frustrados quando suas técnicas de conduta bem-intencionadas resultam em conflitos ou quando não acontece o que esperavam. A aplicação do Princípio de Premack pode facilitar a interação entre avós e netos.

No trabalho proposto pela terapia comportamental com famílias, três formas de intervenções são frequentemente utilizadas: o Treino de Pais em Manejo de Contingências (TPMC), o Contrato de Contingências (CC) e o Treino Familiar de Resolução de Problemas (TFRP), as quais são abrangidas pelo modelo triádico –

psicólogo, mediador e alvo (Silvares, 1995). Nesse modelo, o mediador tem papel de atuação sob orientação do terapeuta para que as mudanças comportamentais do cliente também ocorram em outros contextos fora do *setting* terapêutico, como a participação de pais, avós e/ou outros familiares na terapia de um cliente criança ou adolescente. Diante das intervenções citadas, tanto no CC quanto no TPMC, são exclusivamente consideradas como variáveis os comportamentos tidos como inadequados e as suas consequências ambientais. Já o TFRP apresenta, além dessas variáveis, outras referentes aos cuidadores (pais e/ou avós): (a) psicológicas; (b) maritais; e (c) o ajustamento social familiar (e.g., dados sobre o relacionamento com a família global, ademais da família nuclear).

Treinar os pais em como manejar os comportamentos dos filhos pode ser considerado o foco da intervenção do TPMC, o qual se dá pela aplicação dos princípios comportamentais na relação cuidador-criança (Beck, 1985). Apesar de essa intervenção não tratar diretamente da atuação dos avós, sabe-se que esses membros podem assumir a condição de cuidadores, incentivando-se o trabalho conjunto entre os manejos das diferentes condutas parentais. Beck (1985) ainda destaca os comportamentos indesejáveis atribuídos às crianças que mostraram resultados satisfatórios ao treino de pais, como o vômito psicogênico, pesadelos, roubo e conflito entre irmãos. Basicamente, as principais habilidades que os pais passam a adquirir na relação com os filhos dizem respeito à atenção diferencial e às técnicas de *time-out*. Os métodos utilizados geralmente são: modelação, treino comportamental e *feedback* do terapeuta. As críticas mais significativas ao TPMC são quanto à participação passiva das crianças, além do foco nas condutas dos familiares, sem que se observe os conflitos relacionais propriamente ditos.

O CC busca a mudança comportamental por meio do acordo unilateral ou bilateral entre as pessoas envolvidas na situação. Dowd e Olson (1985) afirmam que o contrato unilateral pode envolver diferentes relacionamentos, como avós, pais, professores e amigos, com aquele cujos comportamentos devem ser alterados, ou seja, com o neto, o filho ou o estudante. Por outro lado, o contrato bilateral ocorre entre duas ou mais pessoas, estipulando-se quais são as mudanças desejadas. O intuito do CC é especificar as relações que serão assumidas entre os comportamentos e suas consequências. Nota-se que, em comparação ao TPMC, o CC inclui a participação da criança com outros membros familiares, sendo impossível o seu sucesso sem a atuação dos diferentes membros familiares em conjunto, com cada um ativo às contingências determinantes para as mudanças comportamentais.

O TFRP amplia a visão do papel e da intervenção familiar em comparação com as outras intervenções citadas. As complexas e individuais demandas apresentadas pelas famílias necessitam de auxílios exclusivos dos terapeutas comportamentais para sua clientela, o que significa que muitas vezes as queixas apresentadas por pais direcionadas aos comportamentos dos seus filhos têm uma significativa relação com demandas psicológicas dos próprios pais e demais familiares (Wells, 1981). Griest e Wells (1983) utilizam a proposta da Terapia Comportamental Familiar para expandir o modelo triádico com as famílias, reconhecendo que há mais variáveis incluídas em problemas comportamentais e relacionais. Destacam a importância do analista comportamental clínico em intervir, quando há, na quebra de “percepções familiares negativas”, ou seja, rótulos negativos (regras) acerca de um dos membros, o que prejudica a relação intergeracional. Ademais, as variáveis psicológicas e sociais ganham destaque neste trabalho, as quais também podem prejudicar as percepções e comportamentos das relações.

A utilização do filme como recurso de análise mostra como o controle instrucional é significativo no contexto familiar e como os conflitos podem ser desgastantes entre membros de diferentes gerações. O contato com as contingências comportamentais entrelaçadas nas famílias valoriza a modificação de comportamentos, os quais estão relacionados às transformações sociais e legislações referentes ao convívio familiar.

A presença mais duradoura dos idosos nas relações familiares possibilita que os aprendizados no ambiente familiar passem a favorecer padrões de comportamento, os quais o analista comportamental clínico incluirá em suas análises funcionais. O trabalho em família é desafiador, devido à complexidade de suas estruturas e pela individualidade que cada situação demandará. Os comportamentos considerados clinicamente relevantes (i.e., aqueles que deverão ser funcionalmente analisados e que serão alvos da intervenção terapêutica) devem ser identificados, pelo terapeuta, a partir das características de todas as relações vivenciadas entre os membros das famílias. A participação dos membros familiares dentro do consultório amplia a observação direta de comportamentos, permitindo a elaboração de hipóteses clínicas pelo terapeuta e a implementação das análises funcionais e das intervenções.



## Capítulo 4. Considerações Finais

As mudanças sociais percebidas nas últimas décadas têm contribuído cada vez mais para o envelhecimento populacional, que já é uma tendência dos países desenvolvidos e está se tornando uma realidade no Brasil. Com a promoção da participação das mulheres no mercado de trabalho e avanços científicos, a diminuição das taxas de natalidade e mortalidade trazem novos desafios para a sociedade de consumo, a qual deverá lidar com novas estruturas familiares e com seus membros vivendo por mais tempo. Esse novo cenário deve ser visto pelos psicólogos, sobretudo na área clínica, como um importante critério de compreensão das dinâmicas familiares. A terapia assume um papel de instituição de aprendizagem ímpar e complexa, onde se desenvolvem relações intergeracionais possíveis de conflito e sofrimento.

O presente estudo levantou demandas terapêuticas que podem surgir na relação entre netos e seus avós, os quais têm se inserido na rotina de crianças e adolescentes com papéis tanto de cuidadores como de dependentes. Como citado ao longo do texto, a intergeracionalidade é um fator significativo de aprendizagem e tem se mostrado benéfica para os mais jovens, assim como para os mais velhos. Com as relações intergeracionais saudáveis, ambas as partes recebem suporte emocional e cognitivo, contribuindo para o desenvolvimento de repertórios esperados em outros tipos de relações.

A Psicologia, em especial a Análise do Comportamento, pode contribuir na clínica e no planejamento cultural por meio de avaliação e aplicação de intervenções facilitadoras a intergeracionalidade. O trabalho do analista comportamental clínico se dá por meio da relação terapêutica, a qual pode refletir características importantes do

cliente com suas relações familiares e, em particular, com as trocas intergeracionais identificadas no seu padrão comportamental. Os analistas do comportamento podem ajudar a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas, e muitas dessas mudanças podem durar por longos períodos, auxiliando a tornar problemas difíceis e frustrantes, como a relação com os netos, possíveis de serem enfrentados (Burgio & Burgio, 1986).

Apesar da riqueza e demanda atual sobre o tema das relações intergeracionais, poucos estudos brasileiros abordam práticas de intervenção, sobretudo por analistas comportamentais clínicos, no contexto psicoterapêutico com trabalhos voltados para a relação entre netos e avós. Acredita-se que, por ainda sermos uma nação considerada “jovem”, apenas recentemente tem se proposto a exploração de pesquisas com foco na intergeracionalidade e a família. Deve-se destacar, no entanto, que os benefícios das iniciativas de suporte familiar por meio de intervenções psicoeducacionais e de orientação responderiam às demandas terapêuticas ou às necessidades de determinado grupo. Numa perspectiva mais abrangente, essas iniciativas também podem contribuir para a implementação de mudanças institucionais e socioculturais (Silva & Neri, 2007).

## Referências

- Ariès, P. (1973/1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Albuquerque, L. C., Matos, M. A., de Souza, D. G., & Paracampo, C. C. P. (2004). Investigação do controle por regras e do controle por histórias de reforço sobre o comportamento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 395-412.
- Ames, B. D., & Youtt, J. P. (1994). Intergenerational education and service programming: A model for selection and evaluation of activities. *Educational Gerontology*, 20(8), 755-764.
- Attias-Donfut, C., & Segalen, M. (1998). *Grands-parents. La famille à travers les générations*. Paris: Odile Jacob.
- Banaco, R. A., & Martone, R. C. (2001). Terapia comportamental de família: uma experiência de ensino e aprendizagem. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 7. Expondo a variabilidade* (pp. 200-205). Santo André: ESETec.
- Beck, S. (1985). Parent management training. Em A. S. Bellack & M. Hersen (Orgs.), *Dictionary of behavior techniques* (pp. 163-165). New York: Pergamon Press.
- Beltrán, A. J. & Rivas Gómez, A. (2013). Intergeneracionalidad y multigeneracionalidad en el envejecimiento y la vejez. *Tabula Rasa*, 18, 277-294.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1995). *Família, socialização e desenvolvimento: as práticas de educação da criança*. Tese de livre-docência não publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

- Brugio, L. D., & Burgio, K. L. (1986). Behavioral gerontology: Application of behavioral methods to the problems of older adults. *Journal of Applied Behavior Analysis, 19*(4), 321-328.
- Caldana, R. H. L. (1998). A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia, 6*, 87-103.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (A. Schmidt, D. das G. de Souza, F. C. Capovilla, J. C. C. de Rose, M. de J. D. dos Reis, A. A. da Costa, L. M. de C. M. Machado, & A. Gadotti, trans.). Porto Alegre: Artmed.
- Chiesa, M. (1994). *Radical Behaviorism: The philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Cordova, J. V., & Scott, R. L. (2001). Intimacy: Behavioral interpretation. *The Behavior Analyst, 24*(1), 75-86.
- Coutinho, L. G. (2002). *Ilusão e errância: adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- de-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que “Análise Comportamental Clínica”? Uma introdução ao livro. Em A. K. C. R. de Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 19-29). Porto Alegre: Artmed.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999/2005). *Psicologia das Habilidades Sociais. Terapia, educação e trabalho*. São Paulo: Vozes.
- Del Priore, M. (1999). *A família no Brasil Colonial*. São Paulo: Moderna.
- Dellmann-Jenkins, M. (1997). A senior-centered model of intergenerational programming with young children. *Journal of Applied Gerontology, 16*, 495.

- De Rose, J. C. (1993). Classes de estímulos: implicações para uma análise comportamental da cognição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(2), 283-303.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 36, 21-32.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 221-231.
- Dias, C. M. S. B. (2002). Os avós na literatura psicológica. *Revista Symposium*, 1, 34-38.
- Dias, C. M. S. B., Costa, J. M., & Rangel, V. A. (2005). Avós que criam seus netos, circunstâncias e consequências. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família* (pp. 158-176). Rio de Janeiro: PUC.
- Dicionário do Aurélio Online (2016). Dicionário de português. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>
- Drew, L. M. & Silverstein, M. (2007). Grandparents' psychological well-being after loss of contact with their grandchildren. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 372-379.
- Ferreira, C. P. S., Canuto, K. F., Araújo, K. M. L., Guimarães, H. A., Lins, A. E.S., Chiari, B. M., & Roque, F. P. (2015). A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. *Saúde e Sociedade*, 24(3), 1061-1075.
- Fickman, A. (Diretor). Crystal, B., & Chemin, P. (Produtores). (2012). Parental Guidance [DVD]. Estados Unidos: Hollywood.
- Gonzales, G. C. A. (2010). Envelhecimento, família e transferências intergeracionais em Montevideu, Uruguai. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

Griest, D. L. & Wells, K. C. (1983). Behavioral family therapy with conduct disorders in children. *Behavior Therapy*, 14, 37-53.

Hayslip, B., Jr., & Kaminski, P. L. (2005). Grandparents raising their grandchildren: A review of the literature and suggestions for practice. *The Gerontologist*, 45(2), 262-269.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios*. Retirado no dia 07/06/2017, do site <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE. Retirado no dia 18/04/2017, do site <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Retirado no dia 08/09/2017, do site [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5526/1/Comunicado\\_n11\\_PNAD\\_Demografia.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5526/1/Comunicado_n11_PNAD_Demografia.pdf)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2015*. Rio de Janeiro: IBGE. Retirado no dia 05/06/2017, do site [ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade\\_2015/tabua\\_de\\_mortalidade\\_analise.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2015/tabua_de_mortalidade_analise.pdf)

Jacob, L. (2007). *As Relações Intergeracionais*. Retirado no dia 17/06/2017, do site [http://www.socialgest.pt/\\_dllds/APintergeracoes.pdf](http://www.socialgest.pt/_dllds/APintergeracoes.pdf)

- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delliti, M. Z. Brandão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, R. Starling, trads.). Santo André: ESETec.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Kropf, N. P., & Burnette, D. (2003). Grandparents as family caregivers: Lessons for intergenerational education. *Educational Gerontology*, 29, 361-372.
- Lemes, A. C., Bueno, G. N., & Bueno, L. N. (2011). Família: ambiente favorecedor ao comportamento governado por regras. *Comportamento em Foco*, 1, 339-353.
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco* (M. Ferreira, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Machado, L. Z. (2001). Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 4(8), 11-26.
- Maiden, R. J., & Zuckerman, C. (2008). Counseling grandparents parenting their children's children: Case studies. Em B. Hayslip Jr. & P. Kaminski (Orgs.), *Parenting the custodial grandchild: Implications for clinical practice* (pp. 197-214). New York: Springer.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo Radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 30-48). Porto Alegre: Artmed.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*, 16(3), 8-18.

- McMahon, R. J. (2008). Treinamento de pais. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 399-422). São Paulo: Santos Editora.
- Medeiros, C. A., & Rocha, G. M. (2004). Racionalização: um breve diálogo entre a Psicanálise e a Análise do Comportamento. Em M. Z. Brandão, F. C. S Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, & S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre o Comportamento e Cognição: Vol. 13. Contingências e metacontingências: Contextos socioverbais e o comportamento do terapeuta* (pp. 27-38). Santo André: ESETec.
- Meyer, S. B. (2001). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-comportamental* (pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Musil, C. M., Gordon, N. L., Warner, C. B., Zauszniewski, J. A., Standing, T., & Wykle, M. (2010). Grandmothers and caregiving to grandchildren: Continuity, change, and outcomes over 24 months. *The Gerontologist*, 51(1), 86-100.
- Naves, A. R. C. X. (2008). *Contingências e metacontingências familiares: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- Neugarten, B. L., & Weinstein, K. K. (1964). The changing American grandparent. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 199-204.



- Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Editora UNESP.
- Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015). Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Retirado no dia: 10/05/2017, do site <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>
- Organização das Nações Unidas (ONU, 2002). *Report of the Second World Assembly on Aging*. Madrid. Retirado no dia 10/05/2017, do site <http://www.cpahq.org/cpahq/cpadocs/UN%20Report%20of%20the%20Second%20World%20Assembly%20on%20Ageing.pdf>
- Organização das Nações Unidas (ONU, 2015). *World population prospects: Key findings and advance tables*. New York. Retirado no dia 05/06/2017, do site [https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/key\\_findings\\_wpp\\_2015.pdf](https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/key_findings_wpp_2015.pdf)
- Peixoto, C. E. (2000). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 63-111.
- Petzold, M. (1996). The psychological definition of “the family”. Em M. Cusinato, (Org.), *Research family: Resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando famílias*, 18(1), 138-153.
- Ramos, N. (2012). Avós e netos através da(s) imagem(s) e das culturas. Em N. Ramos, M. Marujo & A. Baptista (Orgs.), *A voz dos Avós: Migrações, Memória e Património Cultural* (pp. 33-56). Coimbra: Gráfica de Coimbra e Prodignite.
- Ribeiro, I., & Ribeiro, A. C. T. (s.d.). *Família e desafios na sociedade brasileira: valores como ângulo de análise*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Centro João XXIII.

- Rodrigues, J. P. V. (2013). *Os avós na família e sociedade contemporâneas: uma abordagem intergeracional e intercultural*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Aberta, Lisboa.
- Rubini, C. (1995). O conceito de papel no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 3. Retirado no dia 03/09/2017, do site [http://delphospsic.com.br/wp-content/uploads/2015/02/conceito\\_papel.pdf](http://delphospsic.com.br/wp-content/uploads/2015/02/conceito_papel.pdf)
- Sanches, A. P. R. A., Lebrão, M. L., & Duarte, Y. A. O. (2008). Violência contra idosos: uma questão nova? *Saúde e Sociedade*, 17(3), 90-100.
- Santin, J., Vieira, T. A., Algeri, S., Buffon, M. R., Pedroza, G. A., & Pinheiro, J. M. G. (2016). Acompanhamento do programa de proteção à criança: dados levantados em no Hospital de Clínicas de Porto Alegre no ano de 2012. In: 36ª *Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*. Porto Alegre. Retirado no dia 06/09/2017, do site <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165859/001004960.pdf?sequence=1>
- Setton, M. Z. (2004). Uma visão histórico-antropológica sobre a paternidade. Em E. Polity, M. Z. Setton, & S. F. Colombo (Orgs.), *Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade* (pp. 45-47). São Paulo: Vetor.
- Sidman, M. (1989/1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andrey & T. M. Sérgio, trads.). Campinas: Editorial Psy.
- Sigolo, S. R. R. L. (2004). Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.), *Temas em Educação Especial: avanços recentes* (pp. 189-195). São Carlos: EdUFSCar.

- Silva, E. B. N., & Neri, A. L. (2007). Questões geradas pela convivência com idosos: Indicações para programas de suporte familiar. Em A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura* (pp. 213-236). Campinas: Papirus.
- Silvares, E. F. M. (1995). O modelo triádico no contexto da terapia comportamental com famílias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(3), 235-241.
- Singly, F. (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Em C. Peixoto, F. de Singly, & V. Cicchelli (Orgs.), *Família e individualização* (pp. 13-19). Rio de Janeiro: FGV.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1969/1975). *Contingências do reforço*. Coleção os Pensadores: Vol. 51 (Rachel Moreno, trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências (C. R. X. Cançado, P. G. Soares & S. Cirino, trans.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, IX, 129-137.
- Sommerhalder, C. & Nogueira E. J. (2000). As relações entre gerações. Em A. L. Neri, & S. A. Freire (Orgs.), *E por falar em boa velhice* (pp. 113-124). São Paulo: Papirus.
- Turkenicz, A. (2006). Famílias ocidentais no século XX. Em F. O. Portella, & I. S. Franceschini (Orgs.), *Família e aprendizagem – Uma relação necessária* (pp. 11-36). Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Valsiner, J. (1994). Bidirectional cultural transmission and constructive sociogenesis. Em W. de Graaf & R. Maier (Orgs.), *Sociogenesis reexamined* (pp. 47-70). New York: Springer.

- Vandenberghe, L. & Pereira, M. B. (2005). O papel da intimidade na relação terapêutica: uma revisão teórica à luz da análise clínica do comportamento. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1), 127-136.
- Vianna, H. (2003). Introdução. Em H. Vianna (Org.), *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais* (pp. 7-16). Rio de Janeiro: EDUFRRJ.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(11), 99-117.
- Weber, L. N. D. (2008). Interações entre famílias e desenvolvimento. Em L. N. D. Weber (Org.), *Famílias e desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 9-20). Curitiba: Juruá.
- Weintraub, A., & Killian, T. (2007). Intergenerational programming: Older person's perceptions of its impact. *Journal of Applied Gerontology*, 26, 370.
- Wells, K. C. (1981). Assessment of children in outpatient settings. Em M. Hersen & A. S. Bellack (Orgs.), *Behavioral Assessment: A practical handbook*. (2a edição) (pp. 484-510). New York: Pergamon Press.